



EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

FRAGMENTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DA CRIANÇA QUE FOMOS E DO DOCENTE QUE SOMOS: POSSIBILIDADE DE NOVAS RELAÇÕES COM AS INFÂNCIAS

Mogar Damasceno Miranda

UFPEl

mogardm@gmail.com

Resumo

A escola de Educação Infantil, uma jovem instituição, nasce pensada à sombra da escola “dos grandes”, uma herança que imprime em sua organização traços da lógica disciplinadora, do controle e da centralidade do adulto. Nesse contexto, o adulto assume o papel de educador que gerencia rotinas previamente estabelecidas e organizadas, com a intenção de garantir que as crianças, em suas coletividades, possam habitar esses espaços educativos. Contudo, essa organização ainda está fortemente atravessada por uma perspectiva adultocêntrica, que submete as experiências infantis aos critérios e expectativas do mundo adulto, muitas vezes desconsiderando as formas próprias de ser, saber e viver das crianças. Como destaca Sarmiento (2005), trata-se de uma dominação simbólica que define e limita o lugar da infância com base em uma visão reduzida de suas potências. Assim, repensar a cultura escolar torna-se imprescindível para manter vivo o encantamento e o engajamento das crianças em sua trajetória educacional, na busca por uma pedagogia que se tece nas invenções cotidianas (Rufino, 2019). O campo da formação de professoras da Educação Infantil demanda caminhos que valorizem não apenas o conhecimento técnico, mas também a escuta sensível, a memória e o afeto como fundamentos do fazer pedagógico. Nesse sentido, esta pesquisa propõe analisar um percurso formativo inspirado nas chamadas *rodas arqueológicas da infância*, em que as educadoras são convidadas a escavar a criança que um dia foram revisitando memórias e experiências marcantes de suas infâncias. A proposta de tomar a vida como espaço de formação é assumir, como adultos, que todas as experiências de vida são potenciais para a formação (Waschauer, 2017). O objetivo da pesquisa é de contribuir com o campo da formação de professoras da Educação Infantil, por meio da análise de vivência e percursos metodológicos inspirados nas *rodas arqueológicas da infância*, tendo



como elemento central as escavações realizadas pelas próprias professoras sobre a criança que um dia foram, mobilizando memórias a partir de um olhar para os fragmentos (auto)biograficos das professoras quando crianças e depois a partir de suas práticas sensibilizadas por essas escavações. Meireles(2015) aponta que “a abordagem (auto)biográfica possibilita aos professores se posicionarem frente às suas trajetórias, sobre o que conhecem e fazem, o que fizeram e podem vir a fazer”. O movimento formativo analisado se alinha a perspectivas contemporâneas da Educação Infantil que buscam valorizar a escuta das culturas da infância, o protagonismo das crianças e a conexão entre território, corpo e experiência. A metodologia desta pesquisa fundamenta-se em percursos biográficos narrativos, organizados em três movimentos (auto)biograficos que se entrelaçam e se potencializam mutuamente. O *primeiro movimento* parte das narrativas escavadas da infância do próprio pesquisador, assumindo a memória pessoal como ponto de partida ético e epistêmico. Aqui, a infância não é apenas objeto de investigação, mas experiência vivida que inspira o olhar e orienta o percurso da pesquisa. Ao colocar-se em cena, o pesquisador reconhece sua implicação no processo e adota uma postura reflexiva que legitima a subjetividade como componente constitutivo do ato de conhecer. No *segundo movimento*, as docentes participantes são convidadas a rememorar suas infâncias, por meio de diferentes formas de expressão: oralidade, escrita, imagens, objetos, artefatos, compondo uma escavação sensível de memórias que, muitas vezes, estavam adormecidas. Nesse processo, surgem lembranças marcadas por afetos, alegrias, silêncios e tensões. A infância é, portanto, compreendida como um território formativo que ainda reverbera na constituição da identidade e da prática docente e essa remexida nas gavetas dos guardados deixa sentimentos (Arroio,2020). O *terceiro movimento* dá continuidade a esse percurso ao articular as memórias da infância às trajetórias profissionais das participantes. A partir da rememoração, emergem narrativas das práticas atuais que evidenciam afetamentos e experiências que inspiram, fortalecem e humanizam a docência e, também silenciamentos, aspectos da vivência que foram negados ou reprimidos, e que por vezes permanecem como marcas na relação com as infâncias nas instituições. Este movimento revela como o passado e o presente se entrelaçam na formação docente, configurando modos de ser, sentir e agir na educação das infâncias e reconhece que essas relações carregam os grandes dramas humanos e de conhecimento escolar e promovem interrogações por seus significados que afetam as concepções de currículo (Arroio, 2020). Esses três movimentos articulam um encontro entre diferentes infâncias, a partir de fragmentos



(auto)biográficos. Como um panorama geral, no processo de escavação das memórias, realizado no percurso das rodas, destacam-se alguns territórios, os *sítios arqueológicos* de onde essas escavações emergem: o pátio de casa, a rua, o quintal da vovó com seus cheiros e aromas, o quarto da avó com o cheiro da cômoda, a cozinha da avó com seus pães, o pomar com as árvores frutíferas, o chão com lama e os elementos da natureza. Liberdade, alegria, proteção por poder brincar sem medo na rua foram alguns dos sentimentos evidenciados nas (auto)biográficas apresentadas pelas educadoras ao recordarem as arqueologias das suas infâncias escavadas durante as rodas. Mas ao escavar, também vai se retirando o pó de sentimentos que, muitas vezes, não são nomeados e, no exercício arqueológico, aparecem com potência como a tristeza que é revelada por uma das professoras: “Me senti triste em lembrar que não tive brinquedos”. O brincar livre se apresentou como um elemento potente, bem como a ideia de que as crianças não necessitam estar o tempo todo com atividades direcionadas. Uma das educadoras menciona que a mudança está em “Deixar elas (as crianças) mais livres para explorar o ambiente que as cercam”. A pesquisa reconhece que a prática pedagógica é atravessada pelas histórias pessoais e pelas marcas afetivas que cada professora carrega, mas ao promover o reencontro com a própria infância, fortalece-se a sensibilidade, a empatia e a escuta atenta às infâncias com as quais se trabalha cotidianamente. A partir dessas (auto)narrativas as professoras ampliam sua consciência sobre os modos de ser criança em diferentes tempos e contextos, favorecendo práticas mais dialógicas, criativas e comprometidas com os direitos das infâncias.

Palavras-chave: Formação de Professores. Escavações da infância. Fragmentos (auto)biográficos

Referências:

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas:** Trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2019.

MEIRELES, Mariana Martins de. Entrevista narrativa e a hermenêutica de si: fontes de pesquisa (auto)biográfica e perspectivas de análise. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.).

(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 285-296.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Mórula editorial, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, 2005, 26: 361-378.

